

**A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO ORAL NA OBRA A MATINTA PERERA DE
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

**THE INFLUENCE OF ORAL TRADITION ON THE WORK A MATINTA PERERA BY
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

**LA INFLUENCIA DE LA TRADICIÓN ORAL EN LA OBRA A MATINTA PERERA DE
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-013>

Data de submissão: 03/01/2026

Data de publicação: 03/02/2026

Gilvan Oliveira Brito

Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Belém

E-mail: britogilvan1994@gmail.com

Adriana do Socorro Serra Paiva de Moura

Mestra em Linguagem e Sociedade

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Belém

E-mail: adriana.moura@ifpa.edu.br

RESUMO

As narrativas são aspectos consideráveis da memória individual e coletiva que se expressam por intermédio da tradição oral podendo alcançar a escrita, como é o caso da narrativa amazônica da Matinta Perera. Sendo assim, o presente estudo visa refletir como a tradição oral influenciou a escrita da obra A Matinta Perera de Bartolomeu Campos de Queirós, uma narrativa oral contada nos quatro cantos da região norte. Para tal, a metodologia utilizada é de natureza bibliográfica, fazendo um estudo comparativo da obra queirosiana com outra de mesmo título de Walcyr Monteiro, A Feiticeira de Inglês de Sousa e O Assovio da Matintaperera: contos periféricos, de Preto Michel e os poemas Matinta Perera, presente no livro Canto Caboclo de Siqueira e Matinta Perêra de Lúcio Sarmento. Com base na teoria de Joseph ki-Zerbo, que faz uma abordagem acerca da tradição oral, bem como nos estudos de Câmara Cascudo, Nelly Coelho e autores pertinentes ao tema abordado. Depreende-se, portanto, que a tradição oral possui contribuição relevante para a manutenção da memória e propagação de narrativas transmitidas ao longo do tempo por meio da oralidade e influenciou a escrita de obras de importantes escritores.

Palavras-chave: Tradição Oral. Matinta Perera. Queirós. Literatura Infantojuvenil.

ABSTRACT

Narratives are considerable aspects of individual and collective memory that are expressed through oral tradition and can reach writing, as is the case with the Amazonian narrative of Matinta Perera. Therefore, this study aims to reflect on how oral tradition influenced the writing of Bartolomeu Campos de Queirós's work, A Matinta Perera, an oral narrative told throughout the northern region of Brazil. To this end, the methodology used is bibliographical in nature, making a comparative study of Queirós's work with another of the same title by Walcyr Monteiro, A Feiticeira by Inglês de Sousa, and O Assovio da Matintaperera: contos perspectivas by Preto Michel, and the poems Matinta Perera, present in the book Canto Caboclo by Siqueira, and Matinta Perêra by Lúcio Sarmento. This is based

on the theory of Joseph Ki-Zerbo, who addresses oral tradition, as well as the studies of Câmara Cascudo, Nelly Coelho, and other authors relevant to the topic. It follows, therefore, that oral tradition makes a significant contribution to the maintenance of memory and the propagation of narratives transmitted over time through orality, and has influenced the writing of works by important authors.

Keywords: Oral Tradition. Matinta Perera. Queirós. Children's and Young Adult Literature.

RESUMEN

Las narrativas son aspectos importantes de la memoria individual y colectiva que se expresan a través de la tradición oral y pueden llegar a la escritura, como es el caso de la narrativa amazónica de Matinta Perera. Por lo tanto, este estudio busca reflexionar sobre cómo la tradición oral influyó en la escritura de la obra de Bartolomeu Campos de Queirós, A Matinta Perera, una narrativa oral narrada en toda la región norte de Brasil. Para ello, la metodología empleada es de naturaleza bibliográfica, realizando un estudio comparativo de la obra de Queirós con otra del mismo título de Walcyr Monteiro, A Feiticeira de Inglês de Sousa, y O Assovio da Matintaperera: contos perspectivas de Preto Michel, y los poemas Matinta Perera, presente en el libro Canto Caboclo de Siqueira, y Matinta Perêra de Lúcio Sarmento. Esto se basa en la teoría de Joseph Ki-Zerbo, quien aborda la tradición oral, así como en los estudios de Câmara Cascudo, Nelly Coelho y otros autores relevantes en el tema. Por lo tanto, se deduce que la tradición oral contribuye significativamente a la preservación de la memoria y a la propagación de narrativas transmitidas a lo largo del tiempo a través de la oralidad, y ha influido en la escritura de obras de importantes autores.

Palabras clave: Tradición Oral. Matinta Perera. Queirós. Literatura Infantil y Juvenil.

1 INTRODUÇÃO

A lenda da Matinta Perera ou Matin conta a história do ser que possui o assobio mais arrepiante durante as noites e que gosta de mascar e fumar tabaco, principalmente o oferecido por quem ela sobrevoa para agouchar, isto é, manifestar má sorte ou mesmo lançar uma maldição ou ainda anunciar a morte de alguém. A narrativa oral desse ente é carregada de mistérios e sensações, enfatizados pelos gestos, expressões faciais, olhares e entonação de quem a conta, geralmente de quem presenciou sua aparição, ouviu o bater das asas ou o silvo agudo sobre as copas das árvores ou os telhados das casas. Geralmente é contada pelos mais velhos, que tiveram experiências assustadoras com essa criatura. Na atualidade, a escrita possibilita a leitura da história que embalou gerações, como é o caso da obra de Bartolomeu Campos de Queirós (2019), que, de forma breve, mas rica em detalhes, possibilita a imersão da memória transcriada.

Este artigo apresenta o objetivo de estudar como a tradição oral influenciou a escrita do livro da literatura infantojuvenil *A Matinta Perera* (2019) e de que forma a oralidade mantém viva a lenda amazônica. Para isso, consideram-se inicialmente dois termos: a tradição oral para Joseph Ki-Zerbo (2010), que é fundamental para a compreensão da preservação e transmissão de saberes de um sujeito e de uma comunidade, e a lenda para Coelho (2000), entendida como forma de narrativa popular antiga, na qual relatam-se acontecimentos que oscilam entre o quimérico e a realidade, transmitidos e conservados pela tradição oral. E assim, compreender, não apenas a relevância da oralidade para a escrita do livro de Queirós, mas também perceber a função da tradição oral na transmissão da história da Matinta Perera no decorrer do tempo e do espaço, passando da prática contada verbalmente – ainda nos dias de hoje – para a escrita.

Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012) nasceu no interior de Minas Gerais, publicando sua primeira obra em 1971. Com mais de sessenta e seis trabalhos publicados, considerado pela crítica um dos mais importantes escritores de literatura infantojuvenil (Salazar; Oliveira, 2015, p. 189), foi traduzido em outras línguas e recebeu diversos prêmios literários. Além de dedicar seu tempo a ler e escrever prosa, poesia e ensaios sobre literatura e educação, fez parte do Movimento por um Brasil Literário, resultado do encontro de pessoas e organizações da sociedade brasileira, engajadas com o incentivo e a promoção da leitura literária.

De acordo com Zelaquett (2003, p. 113), Queirós escreveu *A Matinta Perera* (2002) a partir das narrativas transmitidas oralmente na região amazônica, conforme também consta na quarta capa da edição de 2019, e a apresentou na coleção intitulada *Histórias do Rio Moju*, que leva ao público infantojuvenil algumas lendas amazônicas. A autora afirma ainda que a prosa poética é o procedimento de escrita escolhida por este autor em suas obras literárias e por esse motivo, a crítica

aponta seu trabalho como uma das mais importantes na atual produção literária infantojuvenil (Zelaquett, 2003, p. 4). Durante este estudo, serão considerados os estudos de Câmara Cascudo (1988), com a definição de Matinta Perera; Nazaré Cristina Carvalho (2014) e Silva Junior (2014), que também estudaram a lenda da Matinta; bem como a relação com outras obras que a retratam, tanto em prosa como em verso, como *A Matinta Perera do acampamento* e *A Matinta Perera da Pedreira*, de Walcyr Monteiro (2000) e *O Assobio da Matintaperera: contos periféricos*, de Preto Michel (2012) e Antônio Juraci Siqueira (2008) com o poema *Matinta Perera*, do livro *Canto Caboclo*.

Sendo uma obra escrita para o público infantojuvenil, é necessário ressaltar que Queirós trouxe a Matinta Perera de uma forma mais singela, sem a aspereza e agressividade contida nos relatos (orais) voltados para os adultos. Apresenta um livro com linguagem simples, acessível e de fácil compreensão e assimilação dos fatos, com ilustrações coloridas que não apenas enriquecem as páginas no sentido visual, mas contribuem com a narrativa e com o incentivo à prática de ler, imaginar e refletir.

No primeiro momento, abordar-se-á a tradição oral e a lenda geral da Matinta Perera como forma de apresentar o tema abordado, algumas noções teóricas e seus respectivos autores necessários para a pesquisa. Em seguida, será apresentada e estudada especificamente a obra *A Matinta Perera* de Bartolomeu Campos de Queirós, uma vez que há incontáveis versões sobre a narrativa. Mais adiante, a conversão da oralidade acerca da lenda da Matin para o texto escrito de Queirós, inserido no âmbito da literatura infantojuvenil. E por fim, demonstrada a Matinta Perera em outras obras, tanto em prosa como em poesia a fim de se evidenciarem as duas formas de expressões na escrita da lenda.

2 A TRADIÇÃO ORAL E A LENDA DA MATINTA PERERA

A oralidade é um aspecto importante para a conservação e transmissão das lendas amazônicas (agora escritas), e assim como a transmissão oral, os registros escritos dessa narrativa também devem ser considerados. As diversas maneiras que a lenda da Matinta Perera é contada ou transcrita por diferentes pessoas, em diferentes localidades, a forma como é narrada pelo indivíduo que vivenciou ou conhece alguém que a viu ou a ouviu, são o que a torna interessante para o público infantojuvenil.

Quanto ao conceito dessa narrativa, alguns teóricos como Coelho a apresentam como:

A lenda (lat. Legenda, legere = ler) é uma forma narrativa antiquíssima, geralmente breve (em verso ou prosa), cujo argumento é tirado da Tradição. Consiste no relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral. É também ligada a certo espaço geográfico e a determinado tempo. (2000, p. 171, 172).

Evidencia-se quão influente a tradição oral torna-se para a adaptação da versão escrita de Bartolomeu de Queirós e quão atento ele esteve aos detalhes e fiel aos relatos dessa encantaria durante a produção de sua obra. Esta está fortemente impregnada nos sujeitos amazônicas, difundida de geração para geração não somente como entretenimento, mas ainda como uma maneira de educar por meio do medo e fortalecer relações e interações comunitárias. Quanto a esse aspecto, Ki-Zerbo (2010, p. 391) assegura que “a tradição oral é a história vivida, transportada pela memória coletiva com todas as contingências e singelezas, mas também com toda a sua força e vigor”.

Sendo assim, a oralidade não somente contribui para a preservação da identidade e cultura da região, mas também para o folclore nortista, mais ainda apresenta a misteriosa Matin como uma figura vista com credibilidade, despertando interesse e curiosidade, levando os leitores a diferentes interpretações. A transmissão de conhecimentos, histórias e casos de aparições sobrenaturais é comumente repassada pelos idosos, pelos avós, por aqueles que, muitas vezes, não são alfabetizados e utilizam a tradição oral para assegurar ensinamentos e para conservar e reproduzir as memórias de suas vivências.

Sobre as lembranças dos mais velhos, Ecléa Bosi (1994, p. 60) declara que:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem.

É fundamental que sejam consideradas as lembranças que os mais velhos carregam de suas experiências, assim como suas histórias e crenças que se tornam tradições transferidas de geração para geração, popularizando-se e manifestando a cultura de uma comunidade, como é o caso das narrativas de avistamentos da Matinta Perera. Mas afinal, quem ou o que é a Matinta Perera? No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, um dos maiores pesquisadores da cultura popular brasileira, Luis Câmara Cascudo (1988, p. 567), define-a como “Mati, mati-taperê, nome de uma pequena coruja, que se considera agourenta”. E conclui:

Quando, a horas mortas da noite, ouvem cantar a mati-taperê, quem a ouve e está dentro de casa, diz logo: Matinta, amanhã podes vir buscar tabaco (...) quem na manhã seguinte chega primeiro àquela casa, porque será ele considerado como o mati. A razão é que, segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformam neste pássaro para se transportarem de um lugar para outro e exercer suas vinganças. Outros acreditam que mati é uma maiaua, e então o que vai à noite gritando agourentamente é um velho ou uma velha de uma só perna, que anda aos pulos. (1988, p. 567).

De acordo com a crença popular, a Matinta Perera, geralmente, está associada à figura feminina e idosa que se transforma numa ave de mau agouro no cair da noite e sobrevoa as casas com seus assomos, assustando os moradores. Mas também relacionada a bruxas e feiticeiras que percorrem as redondezas do bairro, assobiando e fumando cachimbo e, por isso, algumas pessoas também a comparam ao saci-pererê. Normalmente, as versões têm em comum o fato de que é prometido tabaco a Matin, que, no dia seguinte, vai buscar para fazer seu fumo.

Nesse sentido, Silva Junior (2014, p. 491), pondera:

A Matinta Perera é, via de regra, uma senhora idosa em condições de se metamorfosear em uma espécie de pássaro de hábitos noturnos e transitar pela comunidade. O que marca a presença da Matinta é seu trinado: *fiiite, fiiite, fiiite, Matintinta Perera*. (Silva Junior, 2014, p. 491) [grifos do autor].

Há ainda, quem acredite no fadário, isto é, ao destino do qual não se pode fugir. Carvalho (2014, p. 225) revela a Matinta Perera como “uma bruxa velha, que quando moça, cometeu grandes pecados, e por isso deve cumprir seu fado”. Ao passo que Cascudo (2012, p. 301) afirma “[...] A Matinta atual é o corpo que abriga o espírito de um ser vivo. Por encantamento alguém se pode mudar em Matinta e voar durante a noite, espalhando pavor”. No entanto, o folclorista também declara que:

Pelo que possuímos em lendas, tradição oral, depoimentos, sabemos que a Matinta nada tem a ver com ruínas. Aparece de noite nas vilas, cidades, povoados, atravessando o espaço com seu grito arrepiante. Não castiga, nem persegue quem visita as taperas. Ninguém sabe onde a Matinta está residindo. Os paraenses e amazonenses de hoje apontam velhas como possuindo o condão de mudar-se em Matintas. Ouvindo seu grito os moradores prometem, em voz alta, fumo. Pela manhã uma velha mendiga aparece esmolando. É a Matinta que vem cobrar a promessa. (Cascudo, 2012, p. 301).

Mais adiante, Cascudo ainda conta que a lenda é “uma tradição fabulosa do Pará. Não há paraense que ignore e não conte uma história da Matinta” (2012, p. 301). Um fato para os mais velhos, pois, quem nunca contou, já ouviu algum relato sobre esse ser misterioso, detentor de um silvo estridente pairando sobre as árvores ou postes de energia elétrica do interior paraense, vultos e sons de asas batendo no quintal das casas e desaparecendo na escuridão, agressões inexplicáveis no meio da noite, durante a volta de uma festa ou de uma visita aos vizinhos, na ida a uma pesca ou caça. Essas são algumas das narrações de acontecimentos que tiveram autorias da Matinta Perera ou, como alguns preferem chamá-la, Matin.

3 A OBRA MATINTA PERERA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

A obra *A Matinta Perera* de Bartolomeu Campos de Queirós, publicada pela primeira vez em 2002, é uma narrativa escrita com base na tradição oral, reafirmando a força e a importância da oralidade na construção da história e identidade de uma localidade, nesse caso, amazônica, uma vez que a lenda da Matinta Perera é criação inicialmente da região norte. Desde a infância ouvem-se relatos sobre a aparição desse ser mítico predominantemente regional, especialmente pelas pessoas mais velhas que se reuniam em frente de suas casas para compartilharem histórias de experiências próprias ou vivências de parentes ou conhecidos que foram amedrontados e até mesmo tomaram uma surra da Matin. Tal fato gera curiosidade e prende a atenção de crianças e jovens para saber o desfecho de cada caso.

Embásado nesses relatos pessoais, disseminados nos mais diversos lugares da Amazônia, principalmente nas cidades do interior, geralmente nas áreas rurais, mas também nas periferias urbanas que Queirós escreve essa história. O escritor fez uma passagem da oralidade para a escrita, facilitando seu acesso às demais regiões brasileiras, enfatizando a relevância da tradição oral na manutenção e disseminação das crenças populares. Em seu livro, ele inicia a narrativa despertando interesse ao leitor, fazendo uma breve caracterização da localidade em que ocorrem os fatos. A descrição do espaço à beira de um rio chamado Ipitinga, com poucos habitantes, casas sem janelas e distantes uma das outras, indicia um cenário propício para aparições de assombrações.

De forma poética, segue apresentando outras lendas, também regionalistas, como a do boto e da cobra-grande, curupira, iara e do caipora, igualmente repassadas de geração para geração e que deixam o público infantjuvenil atento para ouvi-las:

O rio era um largo caminho molhado de prata, nas noites, e de ouro, nos dias. Pequenas montarias rolavam rio abaixo, rio acima, de tempo em tempo. No seu fundo, diziam, nadavam peixes donos de minas de tesouros e de palácios para morar os filhos do Boto. A Cobra-Grande reinava vestida de prata e luar nas margens das águas. O resto era uma imensa floresta, começando onde nasce o dia e terminando onde a noite abre sua boca. (Queirós, 2019, p. 10, 11).

O autor chama a atenção para os nomes das demais lendas, escritos com a inicial maiúscula a fim de indicar a importância desses termos no contexto de sua obra, além de incitar os leitores a fazerem associações com as demais histórias do folclore brasileiro. Nota-se, também, o uso de metáforas e personificação da natureza na construção da narrativa, tais como o rio como sendo “um largo caminho molhado de prata” e “começando onde nasce o dia e terminando onde a noite abre sua boca” (Queirós, 2019, p. 10), recursos utilizados no decorrer de todo o texto.

Com uma escrita que utiliza a linguagem popular e, portanto, acessível e de fácil compreensão, é narrada a história de um caçador que vivia com sua mulher e treze filhos e que durante as noites embrenhava-se na mata em busca de caça para sustentar a família.

Importante ressaltar que outras pessoas e/ou comunidades a retratam, inclusive, como uma espécie de coruja, rasga-mortalha, que agoura com seu assobio, anunciando uma morte ou tragédia. Em outros lugares, conta-se a versão de que a Matin, na realidade, é uma senhora idosa que adora fumar cachimbo, vive sozinha ou com familiares que não sabem de seu segredo. Pode tratar-se de uma bruxa, feiticeira que assobia pelas ruas durante a noite, assustando os moradores em busca de café e tabaco. Queirós, em seu livro, aponta-a como uma anciã que vive sozinha no meio da mata com seus treze gatos. Para outros, ela é uma maldição que passa de parente para parente, depois que o detentor do “dom” morre. Há ainda, a história de que a velha, antes de morrer, pergunta às pessoas: “quem quer?”, alguém desavisado responde que sim e termina por receber a sina, conforme lemos abaixo:

Diz a crença popular que ser Matinta é um fado, uma sina, tanto que quem é Matinta Perera só morre depois de deixar seu fado como herança; no momento de agonia, ela pergunta: “– Quem vai querer?”. Se alguém afoito por aproveitar a oportunidade para ganhar algo, disser; “– Eu!”, está feito herdeiro da Matinta e, por conseguinte, Matinta também. (Corrêa, 2018, p. 19)

O costumeiro, entre as versões, é que quando a Matinta Perera começa a perturbar uma pessoa, é necessário prometer a ela café ou tabaco e que nos dias seguintes a isso é preciso deixar o prometido no lugar marcado. No entanto, se a promessa não for cumprida, ela não deixará mais o sujeito em paz e ainda uma má sorte acompanhará a casa de quem prometeu. Esse fato se confirmou na obra de Queirós, quando o personagem é aconselhado por um amigo a praticar tal ação e tempos depois de feito, o tabaco desaparece da janela e à noite, o caçador pergunta a Matin: “Por que você me perturba todas as noites de lua nova, quando busco o meu sustento e da família?” (2019, p. 30) e ela responde: “Gosto de assustar os caçadores que não me oferecem tabaco. Eu necessito de fumo para arear meus dentes, encher meu cachimbo e cantar pontos para os meus treze gatos.” (*Op. cit.*, 2019, p. 31).

Logo, percebe-se que a lenda da Matinta Perera é predominante da região norte e que varia conforme a cultura e a crença popular de quem a conta, manifestando as diversificadas interpretações da narrativa oral. Outras características peculiares da região amazônica, sobretudo Belém, percebidas no texto, são as comidas típicas preparadas pela estranha mulher no trecho em que “mascando seu fumo cozinhava a maniçoba” (*Op. cit.*, 2019, p. 13) ou mesmo em “mexendo a goma para o tacacá” (*Op. cit.*, 2019, p. 26).

O autor não é paraense, o que reafirma a relevância e a influência da tradição oral na escrita de seu trabalho. Para escrever o livro, ele precisou ouvir relatos e histórias de quem conhece a cultura regional. Expressões como *boca de jambu*, utilizada para designar uma pessoa fofoca, como quem diz que a boca de alguém treme para falar o que não deve ser dito, pois, ao mastigar a folha dessa leguminosa nativa da Amazônia, há a sensação de um ligeiro formigamento na língua e nos lábios. No caso da obra, foi usada, metaforicamente, para expressar que o caçador estava com a boca trêmula de medo: “perguntou com palavras trêmulas em boca de jambu” (*Op. cit.*, 2019, p. 30).

O autor faz, ainda, um suspense na escrita da história como também ocorre com a lenda contada oralmente, que, ao ser feita com o uso de mudança na entonação da voz, expressões faciais e gestos corporais de quem está contando, desperta tensão, curiosidade e hesitação em quem ouve, neste caso, nos leitores, quanto ao desfecho: “Mas no coração do homem ficou uma pergunta: Quem era a Matinta Perera?” (Queirós, 2019, p. 32, 33), já que o caçador “nunca mais ouviu o bater das asas e o assobio sobre a sua cabeça, espantando suas caças e amedrontando seu coração” (*Op. cit.*, 2019, p. 32) depois de deixar o prometido a ela.

Quase ao final da história, é levantado um grande mistério: a Matinta Perera seria a mulher do caçador? Ela gostava de mascar tabaco, prática de quem, segundo a lenda, vira Matin. Num trecho é narrado que, enquanto ele estava deitado na rede esperando o sono chegar, “a mulher apareceu, pisando mansinho, atravessou a sala bem devagarinho. Chegou à porta e voou na noite, entre batidas de asas e assobios. Ficaram na casa somente o escuro e o marido cismado, ouvindo o ronco de treze gatos” (Queirós, 2019, p. 34). E a narrativa finaliza com o pensamento do homem: “Há coisas que só o medo pode ver e a razão tem medo de abrir os olhos” (*Op. cit.*, 2019, p. 36). Talvez a bruxa tenha estado com ele durante a vida toda, já que também é dito que eles têm treze filhos e a velha Daria, treze gatos.

Há sempre a associação de uma mulher a um pássaro, de uma velha solitária a uma feiticeira. Isso pode gerar reflexão acerca do abandono familiar e comunitário, ou seja, uma forma de chamar a atenção para o fato de que as pessoas, nesse caso, as mulheres, ao atingirem a terceira idade e/ou tornarem-se viúvas, serem desprezadas pelos filhos, familiares e grande parte da comunidade, sendo obrigadas a viverem isoladas, sobrevivendo com a ajuda oferecida pelos poucos vizinhos que doam café, peixe, tabaco e outras necessidades.

4 A MATINTA PERERA: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Na conversão da oralidade para o texto escrito, somadas à narrativa atraente e à linguagem simples, poética e envolvente, as ilustrações de Rogério Borges, com cores em tons que se destacam visualmente e trazem vivacidade às páginas do livro, complementam a obra de forma significativa. Além de dar animação aos personagens, ao ambiente e aos sentimentos descritos, realçar as emoções transmitidas ao leitor – como na página vinte e cinco em que o protagonista grita à Matinta lhe prometendo o fumo e sua expressão de aflição é bem apresentada –, as ilustrações deixaram o texto mais cativante e a leitura prazerosa, o que contribuiu para a adaptação da lenda para o público infantojuvenil.

Os desenhos vibrantes no livro ampliam os fatos narrados, criando visualmente o contexto abordado, reforçando a história com suas cores e formas: os olhos da coruja cintilantes na escuridão, a chuva forte sobre o terreiro, o cercadinho de madeira, o casebre em meio às árvores, os botos em volta do tesouro, a cobra-grande no rio com a lua refletida nas águas, o caçador na noite, o terço em sua mão, a pena branca pairando sobre o rio, a mulher cozinhando, o curupira, o gato, o homem ajoelhado com as mãos unidas, demonstrando estar a rezar ou gritando atrás da janela com o tabaco sobre um pequeno pano branco, o embalar na rede e outros, tudo isso demonstra que o ilustrador foi muito hábil na linguagem visual dada à lenda para os leitores da faixa etária a que se destina.

O narrador de Queirós traz o medo e a curiosidade à narrativa, sentimentos comuns em crianças e jovens. Isso se deve ao fato de que, por muito tempo, houve a necessidade de educar através do medo a partir da criação de lendas e mitos, conforme sugerem Sagálio e Mendes (2023, p. 7) “As lendas de origem indígenas são educativas, pois motivam, entre outras coisas, o respeito à natureza, ao fazê-las ponderarem sobre a força que regem a vida e os mistérios que nos rodeiam”. E concluem:

[...] por intermédio de suas perguntas e das ausências de respostas é que o ser humana criava – e ainda cria – histórias que visavam compreender o mundo que o rodeava, educar as crianças e valorizar a sabedoria dos mais velhos. (Sagálio; Mendes, 2023, p. 8).

Nota-se que a lenda também busca ensinar o ser humano a ter respeito e cuidado pela natureza, pelas pessoas mais velhas e suas diferenças sociais, religiosas e culturais e, até mesmo, refletir sobre a pobreza dos indivíduos que vivem em pequenas e afastadas comunidades da região amazônica, como os ribeirinhos e as pessoas do campo.

Nos trechos: “o caçador vagava mata adentro buscando seu sustento e o da família” (Queirós, 2019, p. 13), revela-se o meio de subsistência, a caça e a pesca, dos indivíduos que vivem distantes

das áreas urbanas e em “A caça seria abundante e a fome, menor” (*Op. cit.*, 2019, p. 26), pode representar as dificuldades enfrentadas por esses sujeitos para sobreviver, inclusive, das pessoas idosas que moram sozinhas, e a partir disso, pode ser abordada a importância de ajudar o próximo em suas mais diversas necessidades, visto a fala da Matin observada no excerto: “Eu necessito de fumo para arear meus dentes, encher meu cachimbo e cantar pontos para os meus treze gatos” (*Op. cit.*, 2019, p. 30), podendo referir-se a outros requisitos essenciais para a vida de um sujeito.

O autor apresenta a narrativa da Matinta Perera, que emerge do imaginário popular nortista, com todos os seus mistérios, não por meio da oralidade, mas na versão escrita, possibilitando que, a partir da leitura da obra dentro da literatura infantojuvenil, os leitores despertem a observação, a imaginação, a interpretação, a criatividade e percebam essa criatura mítica como um ser vivo com poderes de alomorfia, que anda, voa e assobia pelas ruas das pequenas cidades do Pará. Contudo, transcreve a história de uma maneira sutil, apresenta uma Matin mais mansa, apesar de mantê-la com características conhecidas, tais como o assobio, os vultos, o bater de asas arrepiantes. Queirós não trabalha com uma figura perversa, aquela que aterroriza sem dó, nem piedade, que é malina e ataca: “A Matinta Perera não gosta de ver medo ou dor no coração dos homens. Mas é preciso presenteá-la” (*Op. cit.*, 2019, p. 23).

Por se tratar de uma releitura inserida na Literatura infantojuvenil, essa criatura é narrada e ilustrada com aspectos mais pacíficos, combinando com a escrita poética e atrativa, com as escolhas das palavras e as figuras de linguagem que enriquecem a narrativa como nos trechos: “recebendo do vento notícias de tempestades e de trovoadas trincando as nuvens com relâmpagos” (Queirós, 2019, p. 8), “Os filhos, naquele tempo de noite, dormiam vigiados pelas muitas estrelas” (*Op. cit.*, 2019, p. 15) e “Era um choro baixinho, quase uma canção, que só ouvidos mais atentos podiam escutar e apreciar” (*Op. cit.*, 2019, p. 29) e logo abaixo a ilustração de um gato com olhos alaranjados, parecendo duas brasas, deitado sobre as vestes escuras da Matinta. Percebe-se que a metáfora, a personificação e a comparação entregam, junto às ilustrações e aos acontecimentos narrados, um tom mais ameno.

5 A MATINTA PERERA EM OUTRAS OBRAS: PROSA E VERSO

Outros autores também já escreveram sobre a Matinta Perera, ou seja, das narrativas orais, essa lenda foi passada para a escrita tanto em prosa como em verso, o que contribui para a exposição dessa criatura amazônica e expansão nacional, gerando curiosidade, já que em todas as variações as histórias são semelhantes. O jornalista e escritor paraense Walcyr Monteiro (2000), por exemplo,

também aborda essa narrativa em *Visagens e Assombrações de Belém*, com duas versões, uma intitulada *A Matinta Perera do Acampamento* e a outra *A Matinta Perera da Pedreira*:

Corria certo ano na década de 60. No acampamento, próximo à rua Nova, os moradores andavam inquietos. Todas as noites, após às doze badaladas, ouviam-se assobios estridentes de Matinta Perera. Procuravam em toda parte e nada do incômodo pássaro. (Monteiro, 2000, p. 25).

Nota-se que a lenda é antiga. O trecho acima, data da década de sessenta e segue a mesma narrativa: o mistério e o desconhecido, uma vez que a Matinta não tem sua face revelada, ocorre durante a noite e ouvem-se seus assobios estrídulos. A segunda versão contida no mesmo livro, inicia com o assvio:

— Firifififiuuu...!

Na década de 30, parte do bairro da Pedreira ainda era mato e pântanos, cenário este provocado pela região de baixada daquela área. Quem ali residisse ou passasse à noite ouviria o inconfundível assvio da Matinta perera...

— Firifififiuuu (Monteiro, 2000, p. 39).

O excerto acima revela que essa narrativa ocorre na década de 30, novamente com as mesmas características: noite, bairro periférico, região alagada e rodeada por mata. E levanta a suspeita de uma senhora que vivia sozinha, sugerindo ser uma feiticeira:

Velha Mariana morava só e passava os dias trancada dentro de casa, cozinhando sempre alguma coisa que nunca se sabia o que era e acondicionando-a nos recipientes. Quando, indiscretamente, olhavam pelo buraco da fechadura, viam-na dançando e cantando toadas que não eram bem entendidas... (Monteiro, 2000, p. 40, 41).

Em *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa (2004), também narra-se uma história semelhante à da Matin. Intitulada *A Feiticeira* conta a narrativa de Antônio de Sousa, personagem que zombava de coisas sérias, inclusive, das crenças do povo e dizia não ter medo de nada. Até que um dia lhe mostraram a Maria Mucoim, descrita como:

Uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra, que, quando se abria num sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só!, comprido e escuro. A cara cor de cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepa-moleque de tartaruga, tinha um aspecto medonho que não consigo descrever. (Sousa, 2004, p. 26).

No trecho, visualiza-se a figura da mulher, idosa, pobre e que também vive sozinha. E da mesma maneira que a Matinta Perera, transforma-se em ave. Quanto a ela: “Pessoas respeitáveis

afirmaram ter visto a tapuia transformada em pata, quando é indubitável que Mucoim jamais criou aves dessa espécie” (Souza, 2004, p. 26). No decorrer da narrativa, Antônio de Sousa, incrédulo de tudo, invade a casa da velha para comprovar se, realmente, ela é uma bruxa. Rejeitando o pedido da anciã de sair da casa dela, o rapaz é atacado, fugindo aterrorizado:

Ao transpor o limiar, um grito o obrigou a voltar a cabeça. A Maria Mucoim, deitada com os peitos no chão e a cabeça erguida, cavava a terra com as unhas, arregaçava os lábios roxos e delgados, e fitava no rapaz aquele olhar sem luz, aquele olhar que parecia querer traspassar-lhe o coração. (Sousa, 2004, p. 26).

Dessa forma, no recorte apresentado acima, é perceptível a semelhança entre as narrativas. Sendo que nessa, a velha é uma feiticeira, como em algumas localidades a Matinta Perera é definida, e possui características mais assustadoras e agressivas, partindo para o ataque contra o jovem, até então, incrédulo no conto de Sousa. Em uma outra história, *O Assovio da Matintaperera: contos periféricos*, Preto Michel (2012) faz uma releitura contemporânea em uma área pouco urbanizada dentro da cidade. No início, faz a descrição da casa, similar às das demais histórias, como, igualmente Queirós faz nas primeiras páginas de seu texto:

A casa estava sempre fechada de dia e à noite com uma luz bem fraquinha, vindo de uma lamarina. A casa era de madeira e barro, sempre rodeada com cheiro forte de tabaco, principalmente nas noites sem lua, com chuva fina e muito frio. (Michel, 2012, p. 27).

Nesse livro, é mostrada a narrativa da Matinta Perera em um contexto mais moderno, voltado para o público jovem, pois o autor utiliza uma linguagem mais popular, até vulgar, e as personagens apresentam um comportamento mais maduro: “Égua, Caleb, tu sempre vem fumar pra cá, para beira desse canal, e bem perto da casa da velha que vira matintaperera!” (Michel, 2012, p. 27). Porém, ainda com traços da história tradicional e símbolos já conhecidos, como o tabaco e o café:

— Você tem que ter muito cuidado ao falar comigo, por causa do atrevimento vai ter de pagar um preço por isso. Amanhã, às seis horas da manhã, vou passar em sua casa, vou bater na tua porta e você vai ter que me dar um maço de tabaco e uma xícara de café. (Michel, 2004, p. 31).

Além da prosa, também se encontram em forma de poesia abordagens sobre essa personagem misteriosa. Tem-se, dentre outros, Antônio Juraci Siqueira (2008) retratando a história da Matin no poema “Matinta Perera”, presente no livro *Canto Caboclo*:

II
Olhei pela fresta:

— É ela, a Matinta!
Eu juro que a vi!...
Eu vi com estes olhos seu corpo delgado
Coberto de andrajos.
Eu vi seus cabelos
Qual véu inconsútil
Cobrindo-lhe o rosto.
Se é velha, se é moça,
Se é feia ou se é bela,
Não posso afirmar. (Siqueira, 2008, p. 133)

Nos versos acima, o mistério com relação à identidade da Matin também aparece, deixando dúvidas quanto à idade e beleza da personagem, mas também, a perturbação que ela causa quando assombra alguém. Nas páginas vinte oito e vinte e nove da obra de Queirós (2019), é ilustrada uma figura com uma espécie de veste escura e longa, parecida com os andrajos descritos no quinto verso do trecho lido, já na página trinta, tem-se a ilustração de um rosto coberto por cabelos longos e emaranhados, semelhante ao que é descrito também nos versos de Siqueira. No poema, há ainda a oferta do tabaco para que a Matin vá embora, conforme a estrofe que se lê abaixo:

Que fazes na vida,
Que sabes do mundo,
Que queres de mim?
Se queres tabaco
Que venhas pegá-lo
Cedinho, amanhã.
Matinta Perera
Tem dó, vai-te embora,
Me deixa dormir. (Siqueira, 2008, p. 133)

Lúcio Sarmento, faz uma abordagem da Matin com os cabelos arrepiados sobre a face, com o horripilante assvio, unhas afiadas, roupas escuras e comportamento perverso em:

O assobio assustador
Faz o sangue gelar na veia!
No peito do viajante
Grande temor desencadeia.
O rosto traz encoberto
Por aviltante cabeleira.
Unhas grandes, vestes negras.
É a Matinta Peréra!
Voa por sete cidades.
Um horror, macabra, feia...
Ataca sem dó, nem piedade!
Em noites escuras vagueia.
Chega sem dar uma chance.
Ataca! Amedronta! Ligeira!
Espanca o pobre coitado.
É a Matinta Peréra. (Sarmento, [s.d.:s.l.]).

Sebastião Godinho (1988, p. 58), em seu trabalho intitulado *A Música Amazônica de Waldemar Henrique e Antônio Tavernard*, apresenta o poema de nome *Matintaperêra*, escrito por Tavernard e musicalizado por Waldemar Henrique em 1933, o qual fala da promessa feita à Matin e do medo que ela causa:

Matintapêra, “detardinha” vem buscar
O tabaco que ontem à noite eu prometi:
– queira Deus ela não venha me agoirar,
– queira Deus ela não venha me agoirar
Ah! Matinta, preta velha, mäí-maluca, pé de pato,
– queira Deus ela não venha me agoirar... (Tavernard, 1933, *apud* Godinho, 1988, p. 58).

Verifica-se a relação entre o enredo, a personalidade da Matinta Perera, as aparições, os espaços em que os fatos ocorrem, a semelhança entre as personagens envolvidas nos acontecimentos, as oferendas, os voos, o assvio, o tabaco, o café, a mulher idosa, entre outros motivos, que acontecem em todas as narrativas, independentemente de quem as narra ou as escreve, do local ou da época, se em prosa ou verso, se na periferia da cidade ou no campo. A história se mantém viva na memória e na oralidade, bem como, agora, eternizada na escrita, mas sem perder o toque de mistério e do enredo que sempre se encerra no oferecimento do velho tabaco. No entanto, assim como a versão de Queirós, cada uma das apresentadas acima, tem o toque pessoal de quem as escreveu, bem como o de quem as contou.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lenda da Matinta Perera predomina na região norte e varia conforme a cultura e a crença popular de quem a conta ou a escreve, manifestando e possibilitando as diversificadas interpretações da narrativa oral, entretanto, mantendo-se as características da criatura com assobio agudo em busca de perturbar alguém até conseguir fumo. No Brasil, as diversas lendas fazem parte das tradições, da identidade e da memória popular. *A Matinta Perera* de Queirós é uma delas. Todas são resultado de relatos pessoais que se disseminaram rapidamente por meio da oralidade e da escrita. Em Belém do Pará até se passou a comemorar o Dia Municipal da Matinta Perera em 31 de outubro desde o ano de 2004, o primeiro deles.

Ressalta-se que a tradição oral contribuiu e ainda contribui de forma significativa para a manutenção da memória e propagação das histórias que, quase sempre, não se tem registro da origem, porém é sabido que foram transmitidas ao longo dos anos, de geração para geração dentro de uma comunidade e que a partir dessa transmissão oral, elas ganharam vida e multiplicam-se, enriquecendo toda uma região. Servindo de base para a transcrição, as narrativas que antes eram contadas

oralmente, agora passam para a escrita, abrindo espaço, transpondo fronteiras e chegando aos acervos de um enorme público de leitores.

É o que ocorre com a Matinta Perera, personalidade marcante do folclore amazônico, que, das narrativas orais, foi transcrita por Bartolomeu Campos de Queirós, com adaptações próprias do autor, mas sem deixar que se perdesse a essência tradicional, voltada para o público da literatura infantojuvenil. Uma história cheia de mistérios e envolvente desde o começo até o término. Com isso, pode-se concluir que essa personagem lendária é uma personalidade estranha, que, à noite, transfigura-se numa velha feiticeira ou num pássaro, assombrando os moradores das redondezas com seu assobio agudo em busca do que lhe prometam – tabaco ou café.

O escritor mineiro conta essa história amazônica de forma breve, porém cheia de significados e reflexões, além de destacar a influência e relevância da tradição oral na constituição da narrativa escrita, bem como na construção do cenário e das personagens. Queirós também acrescenta um toque poético e reflexivo relacionado à cultura amazônica. E assim, como na transmissão oral da lenda, de forma expressiva, mantém o suspense durante toda a narrativa, deixando o final aberto para diferentes interpretações. Fazendo uso de uma linguagem poética, acaba por provocar considerações sociais e políticas, mesmo sem esse objetivo, tão necessárias ao público leitor, sobretudo o juvenil.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças dos velhos. 3^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do Imaginário Ribeirinho Amazônico. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 221-230, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br>. Acesso em 22 de agosto de 2025.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10^a ed. São Paulo, SP: Ediouro, 1988.

_____. Geografia dos Mitos Brasileiros. 1^a edição digital. São Paulo – SP: Global, 2012a.

_____. Literatura Oral no Brasil. 1^a edição digital. São Paulo – SP: Global, 2012b.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. 1^a ed. - São Paulo: Moderna, 2000.

CORRÊA, Paulo Maués. Você conhece a Matinta Perera. In: Amazônia (s), volume 1: diálogos socioculturais e socioeducativos: [recurso eletrônico] / Tiese Teixeira Junior; Agenor Sarraf Pacheco (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. 216 p. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. acesso em 26 de outubro de 2025.

GODINHO, Sebastião. A Música Amazônica de Waldemar Henrique e Antonio Tavernard. Asas da Palavra. Revista do Curso de Letras. Centro de Ciências Humanas e Educação. v. 5, n. 2, 1988. Disponível em: <https://revistas.unama.br>. Acesso em 26 de agosto de 2025.

KI-ZERBO, Joseph. A complementariedade das fontes. In: História geral da África, I: metodologia e pré-história da África- editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. Rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. 3^a ed. BASA, SEMEC/MOVA, 2000. Disponível em: <https://www.pdfcoffee.com/-visagens-e-assombraoes-de-belem-walcyr-monteiro-pdf-free.html>. Acesso em 25 de abril de 2025.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. A Matinta Perera / Bartolomeu Campos de Queirós; Ilustrações Rogério Borges. 2^a ed. São Paulo: Global, 2019.

SAGÁRIO, Maria Cristina; MENDES, Ivanise Nazaré. A influência das lendas e mitos para a cultura atual e educação. São Paulo: RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O velhos. Ano III, v.3, ed. 1, jan./ jul. 2023. Disponível em <https://www.revistacientificaosaber.com.br>. Acesso em 25 de agosto de 2025.

SALAZAR, Joyce Mariana Rodrigues Silva; OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. Cultura, Memória e Literatura: a infância em obras autobiográficas de Bartolomeu Campos de Queirós. CERRADOS 40 – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, nº 40, ano 24, 2015, p. 187-208.

SARMENTO, José. Matinta Perêra. Disponível em:
<https://www.encantocaboclo.com.br/2013/09/caboclrts-52.html>. Acesso em 25 de abril de 2025.

SARMENTO, Michel Jackson Moraes. Assovio da Matintaperera, contos periféricos. 1^a ed. Belém-Pará – Cromos, 2012.

SANTOS, Maya. Dia da Matinta? Entenda a comemoração do ‘Halloween’ no Pará. Unama, 2023. Disponível em <https://www.unama.br/noticias/dia-da-matinta-entenda-comemoracao-do-halloween-no-pará>. Acesso em 12 de agosto de 2025.

SILVA JUNIOR, Fernando Alves da. O Mito da Matinta Perera de Taperaçu Campo e o Conceito de Dádiva: aproximando-se de um conceito antropológico. Amazônica: Revista de Antropologia (online), Belém, v.6, n. 2, p. 484-502, 2014. Disponível em [periódicos.ufpa.br](http://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica). Acesso em 20 de agosto de 2025.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. Canto Caboclo. Belém: Paka-Tatu, 2008.

SOUSA, Inglês de. Contos Amazônicos. Coleção acervo brasileiro. Vol. 1, 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TAVERNARD, Antônio. Matintaperêra. In: Asas da Palavra – v. 5, n. 2, out. 1998 – Belém: UNAMA-PA, 1998. Disponível em <https://revistas.unama.br/index.php/asasda palavra>. Acesso em 26 de agosto de 2025.

ZELAQUETT, Andréa Garcia. O Lúdico no discurso Poético de Bartolomeu Campos de Queirós. Curitiba, 2003.